

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

ASSIM DIZ O SENHOR: A REVELAÇÃO DE DEUS E O PAPEL DO HOMEM NESTE ATO

Thus saith the Lord: the revelation of God and the role of man in this act

Me. Marcelo Leonardo Ximenes¹

RESUMO

Revelação é a autocomunicação de Deus aos seres humanos. Historicamente foi dividida, principalmente a partir da teologia protestante, em revelação natural, quando o homem chega ao conhecimento acerca de Deus mediante as coisas criadas e pela razão, e em revelação especial, como sendo a revelação com fins salvíficos e relacionais, muito ligada à perspectiva de mensagem profética. A principal reflexão deste trabalho é sobre a participação do homem no processo da revelação. Destacaremos que, sobre isto, existem duas principais maneiras de se perceber o envolvimento humano neste processo. Uma que entende que o homem também atua como protagonista da ação reveladora, enquanto que a outra coloca a ênfase no agir de Deus em detrimento da ação

¹O autor é mestre em teologia pela Universidade Católica de Pernambuco e também é bacharel em teologia pela mesma universidade. Além disto, é formado em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, onde atualmente atua como professor, sendo ordenado como pastor batista desde 2010. Email: m_ximenes@hotmail.com

humana.

Palavras-chave: revelação, revelação especial, Deus, homem.

ABSTRACT

Revelation is God's self-communication to humans. Historically it has been divided, mainly from Protestant theology, into natural revelation, when man comes to knowledge about God through created things and reason, and in special revelation, as the revelation for salvific and relational purposes, closely linked to Perspective of a prophetic message. The main reflection of this project is on the participation of man in the process of revelation. We will emphasize that, on this basis, there are two main ways of perceiving human involvement in this process. One that understands that man also acts as the protagonist of revealing action, while the other places the emphasis on God's action to the detriment of human action.

Keywords: revelation, special revelation, God, man.

INTRODUÇÃO

O tema sobre a revelação de Deus é um dos principais assuntos dentro da teologia cristã, e teólogos discutem acerca deste tema desde o início da história da Igreja e da sua teologia. Ao longo dos séculos de reflexão teológica, vários pontos de vista diferentes foram colocados sobre esta temática, sendo este tema ainda atual, dentro da preocupação da Igreja de que Deus também se revele ao homem contemporâneo, em suas singularidades. Uma das divergências sobre este tema foi sobre a participação do homem no processo de revelação. Seria o homem um mero receptor da revelação de Deus? Ou seria ele também protagonista neste processo pelo qual Deus se revelou? Atribuir importância à ação humana neste processo, não seria diminuir a soberania de Deus? Também não seria um contrassenso dar esta ênfase à humanidade, uma vez que revelação é a autocomunicação de Deus? Refletir sobre isto é o objetivo deste trabalho. Para isto, primeiro apresentaremos um panorama sobre revelação, incluindo a categorização desta em revelação natural e revelação especial. Nesta parte do trabalho, estaremos nos baseando principalmente nas explicações de Santana Filho². Depois entraremos na discussão acerca

²SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. Revelação. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

da revelação e da participação do homem neste ato. Ao explanar o argumento que atribui ênfase à participação humana, nos basearemos no pensamento de Paul Tillich³. Já para apreciar uma perspectiva que se baseia mais na ação e na soberania de Deus no ato de se revelar, partiremos do trabalho de Alister McGrath⁴.

1. REVELAÇÃO

O termo revelação vem da palavra grega *apocalypto*. Desde Heródoto, historiador grego nascido no século V a.C. em Halicarnasso (hoje Bodrum, na Turquia), este termo aparece com sentido de desvendar. A palavra é formada pela raiz *kalypto* (encobrir, ocultar) com o prefixo *apo* (de). Juntos, tem o sentido de manifestar algo oculto. Já o substantivo *apocalypsis*, com o significado de manifestação e revelação, é empregado desde o século primeiro num sentido essencialmente religioso.

Na expressão que o termo assume na literatura bíblica, revelação é um ato que só diz respeito a Deus. É ele que assume o papel de agente da revelação, ou seja, Deus é aquele que se revela. Nesse sentido, não há o que se questionar sobre a revelação, expressão que se tornou técnica para falar da automanifestação de Deus. O ato de Deus se revelar baseia-se na soberania da sua vontade. De acordo com o pensamento de Barth⁵, não há outro meio do homem conhecer a Deus, a não ser pela revelação. A mente do indivíduo não teria elementos para iniciar essa busca, devido a sua finitude. Muita coisa permanece enigmática e desconhecida para o ser humano, uma vez que este não conhece o mundo em seu todo. O mistério incondicionado só pode ser concebido por meio da revelação, pois não pertence a este mundo, é supramundano. Só através da manifestação de Deus pode-se “perceber” a sua atividade (1Co 2.9). Deus, o Criador e Senhor, é mostrado pela Bíblia como mistério absoluto. A revelação e o Deus da Bíblia estão tão ligados, que não há outro conhecimento possível de Deus. Mas, ao falar-se a respeito de revelação, pode-se subdividi-la pedagogicamente em categorias diferentes, de acordo com as formas como ela acontece, e também a seus objetivos específicos.

³ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

⁴ MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

⁵ *Apud* SANTANA Filho, 2008, p. 876.

2. REVELAÇÃO NATURAL

Pode-se então falar sobre Revelação Geral que, segundo Santana Filho⁶, realiza-se por meios naturais. Ela resulta do próprio ato da criação do universo. O ser humano, ao olhar o mundo, percebe claros sinais da presença de Deus, o que o torna capaz de reconhecer os sinais de sua presença. Quando é dito pela Bíblia que o homem foi feito por Deus a sua imagem e semelhança (Gn 1.27), significa que foi lhe dado, além da racionalidade e perfeição moral, também o conhecimento do seu criador. Mesmo este conhecimento estando prejudicado pelo pecado, é capaz de ver na natureza a presença do Deus criador. Pode-se ver esta afirmação no livro de Salmos: “os céus declaram a glória de Deus; e o firmamento proclama a obra das suas mãos” (Sl 19.1). Também o apóstolo Paulo diz: “pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas...” (Rm 1.19-20).

3. REVELAÇÃO ESPECIAL

Mas há outro tipo de revelação a ser contemplada. É a que se denomina: Revelação Especial.⁷ A respeito disto gostaríamos de fazer algumas considerações. Primeiramente, o objetivo da revelação no Antigo Testamento é duplo: é revelação do próprio Deus e do seu desígnio da salvação. Ele primeiro se revela como ser pessoal, como o que “É”, em contraste com “outros” deuses. Israel, então, foi sendo educado progressivamente, a ter uma compreensão mais profunda dos atributos divinos.

Também queremos enfatizar que a Escritura traz em si a revelação de Deus a todas as pessoas, escrita para instruir todos sobre os propósitos de Yahweh. O Senhor se deu a conhecer inicialmente aos profetas que registraram eventos relacionados em diversos tempos e formas. Depois se revelou pelo Filho (Hb 1.1-2), ápice da revelação. Como afirma Santana Filho: “tudo para tornar perceptível o incondicionado.”⁸ Diferentes dos profetas, com exceção de João Batista, os apóstolos pregaram sobre alguém que viram e ouviram.

⁶ SANTANA Filho, 2008, p. 876.

⁷ SANTANA Filho, 2008, p. 876.

⁸ SANTANA Filho, 2008, p. 877.

O conteúdo central da revelação de Deus é Jesus, o *Logos*⁹ que se fez carne. Chega-se, então, ao momento onde se percebe o valor da Revelação Especial, que conduz a humanidade, pelos caminhos da fé e da racionalidade, a buscar uma forma de interpretar esta revelação. E é exatamente a isto que se dá o nome de teologia, o esforço intelectual do homem tentando compreender o significado da manifestação de Deus. Mas deve-se sempre partir do pressuposto da perfeição da revelação. Deus não se “enganou” e não pode se “enganar”. Ele, em sua infinita sabedoria, manifestou-se aos seres humanos. Só que esta *epifania*¹⁰ adentrou o mundo de uma forma determinada. Deus, para se fazer entendido, utilizou sinais e linguagem. Além do mais, a revelação se deu em uma determinada época. A invasão do sagrado no mundo se deu em um dado momento. Para se fazer histórico, Deus utilizou a linguagem e a cultura de um povo.

A revelação acontece na história. Isto é, a experiência da revelação consiste em ir captando, ao longo da história e no âmago da própria vida, a manifestação pessoal de Deus. Isto permite o surgimento de dois polos unificantes: de um lado, Deus compreendido cada vez mais claramente como origem única e onicompreensiva; do outro lado, as pessoas que se movimentam em torno dessa manifestação.

Revelação é uma realidade complexa, pois ao mesmo tempo é manifestação e comunicação de Deus, a realidade dinâmica que cumpre os seus desígnios na história humana. Além disso, revelação é também mensagem que se traduz em expressões humanas nos lábios dos profetas, dos apóstolos e do próprio Cristo. O que a revelação pretende é esclarecer o sentido misterioso dos acontecimentos da salvação. Ela é palavra ativa e criadora, é palavra que gesta a ação de Deus entre os seres humanos e sua comunicação na história. E ela comunica para produzir vida. É pela revelação que Deus se abre ao ser humano para uma relação de amor e o convida para uma atitude de amizade.

⁹ *Logos* (λόγος) é um termo grego que significava inicialmente a “palavra” escrita ou falada - o Verbo. Mas, a partir de filósofos gregos, como Heráclito, passou a ter um significado mais amplo. **Logos** passa a ser um conceito filosófico traduzido como “razão”, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza.

¹⁰ *Epifania* (Ἐπιφάνεια) significa: “a aparição; um fenômeno miraculoso”. Epifania é nome grego que quer dizer manifestação da identidade de uma pessoa, neste caso usado para manifestações divinas. Mas este termo está relacionado com a manifestação da glória de Deus. Geralmente estes eventos estão ligados com eventos salvíficos. E podem ser manifestos através de eventos da natureza. Exemplos: abertura do Mar Vermelho, nuvem e coluna de fogo que acompanhou Israel no deserto, ações do Espírito Santo no Pentecostes, descritas em At 2.

Santana Filho postula que os traços específicos da revelação especial são:

1. Tem destinação universal, ou seja, dirige-se a todas as pessoas; seu propósito é chamar todos à salvação.
2. Ela é pública, pois sua verdade não é comunicada a um determinado povo e nem pretende permanecer apenas de forma abstrata nos corações; é uma boa nova destinada a ser transmitida e proclamada em praça pública.
3. Ela também é uma verdade de apropriação progressiva: Deus se comunica com a humanidade em sua história. A revelação é perfeita em si, mas a apropriação desta é falha porque se dá pelo exercício da teologia, ciência exercida pelo homem, e sendo assim, é passível de erros. O ser humano apreende com deficiência; por isso, exercita. Este é o motivo pelo qual a absorção da revelação é progressiva. Ela desenvolve-se através dos séculos e vai amadurecendo pouco a pouco. Por meio dessa compreensão, a humanidade vai sendo preparada para a plenitude dos tempos.¹¹

Latourelle¹² lembra-nos da afirmação de Tomás de Aquino de que há um tríplice conhecimento humano das coisas divinas: no primeiro, o ser humano, graças à luz natural da razão, eleva-se ao conhecimento de Deus por meio das criaturas; no segundo, a divina verdade, que excede os limites da inteligência humana, desce ao homem como revelação, não como uma demonstração a penetrar, e sim como uma palavra a crer; no terceiro, o espírito será elevado a ver perfeitamente o que Deus lhe revelou.

A revelação é uma ação divina, algo que não procede e nem pode proceder do ser humano. É algo que vem ao encontro da pessoa humana. É um fenômeno objetivo independentemente do ato subjetivo da percepção. A palavra dos profetas, da pessoa de Cristo, os ensinamentos dos apóstolos, que vêm através das Escrituras, fazem parte da revelação de Deus para o ser humano. Elas são o que são, independentemente do que se pode pensar delas. O evangelho de João afirma: “... Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele” (Jo 14.21b).

Brunner¹³ afirma que revelação é aquilo que se torna manifesto por um ato

¹¹ SANTANA Filho, 2008, p. 877.

¹² *Apud* SANTANA Filho, 2008, p. 877.

¹³ *Apud* SANTANA Filho, 2008, p. 878.

definitivo de Deus. Significa que se passa a ver o que não se via antes, ou seja, que ao homem, que estava na escuridão, agora brilha uma luz. A revelação não é um fato em si, mas aquilo que torna um fato conhecido. Outra palavra que também podemos usar é iluminação, que pode ser entendida como parte do processo de revelação. A recepção da revelação se dá por meio de um ato de fé. É o ato em que a autocomunicação de Deus é recebida. De certa forma, então, pode-se dizer que ter fé é um ato de conhecimento. É nesse sentido que Anselmo afirma *Fides Quaerens Intellectum* (A fé busca entendimento).¹⁴

Santana Filho afirma:

Mas, quem é esse Deus da revelação? Não é o deus de Epicuro que promove o prazer e a impassibilidade, nem o deus de Spinoza – *deus sive natura* (deus natureza), nem o “Primeiro Motor” de Aristóteles e nem a divindade de que nos fala Platão. Todas essas divindades podem ser sublimes, mas não podem se revelar ao ser humano. Não podem ser conhecidos por meio de uma revelação. Só podem ser conhecidos pelo pensamento. O Deus da Bíblia é o Deus da revelação. Ele é o Senhor, é o sujeito incondicionado que só pode ser conhecido por meio de sua autocomunicação.¹⁵

Pode-se, ao longo do estudo teológico, encontrar pontos de vista, e de partida, diferenciados a respeito do tema da revelação especial. Alguns estudiosos afirmam que a revelação só é possível quando assume participação decisiva, tanto o agente da revelação, ou seja, Deus, quanto aquele que recebe a revelação, ou seja, o homem, a partir de suas preocupações, interesses, condições emocionais, psicológicas, espirituais e contextuais. Este é o tipo de pensamento que se pode encontrar em Paul Tillich (1987). Outros pensadores, como Alister McGrath (2005), vão enfatizar que a revelação depende muito mais de Deus e de sua soberania e vontade, do que dos recebedores desta, que podem estar em qualquer situação, contexto ou condição e, mesmo assim, serem alvos dessa manifestação de Deus. Contempla-se a seguir a exposição das ideias destes dois autores.

¹⁴ *Apud* SANTANA Filho, 2008, p. 878.

¹⁵ SANTANA Filho, 2008, p. 878.

4. ÊNFASE NA PARTICIPAÇÃO HUMANA NO PROCESSO DE REVELAÇÃO – O PENSAMENTO DE PAUL TILLICH

Tillich, na elaboração dos três volumes de sua teologia sistemática, dedicou toda a primeira parte, do primeiro volume, à dissertação a respeito da revelação (sendo que este primeiro volume só possui duas partes). Para muitos, ele é considerado o maior pensador sistemático do seu século. Sua teologia pode ser situada como um meio caminho entre a teologia liberal e a neo-ortodoxia, e seu princípio hermenêutico é o princípio da correlação.

Dentro desta perspectiva, Tillich¹⁶, ao escrever sobre a revelação, faz uma correlação, que para ele é fundamental ao assunto, entre revelação e mistério. Ele começa afirmando que a palavra “revelação” (“remover o véu”) foi usada tradicionalmente para significar a manifestação de algo escondido que não pode ser alcançado através das formas ordinárias de conseguir conhecimento. Para ele, existe um uso mais amplo da palavra, na linguagem cotidiana, que é bastante vago. Ele exemplifica isso no fato de alguém revelar um pensamento escondido a um amigo, ou uma testemunha que revela as circunstâncias de um crime, ou mesmo um cientista que revela um novo método que foi testado por longo tempo, ou até mesmo um “*insight*” que vem a alguém “como uma revelação”. Mas o autor em questão enfatiza que em todos esses casos, contudo, a força das palavras “revelar” e “revelação” é derivada de seu sentido próprio e mais estrito. Para ele, uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está escondido de forma especial e extraordinária. Esse ocultamento frequentemente é chamado “mistério”. Ele afirma que esta palavra também tem um sentido mais limitado e outro mais amplo. Em sentido mais limitado, do qual se deriva a força destas frases, aponta para algo que é essencialmente um mistério. Algo que perderia sua própria natureza, se perdesse seu caráter misterioso. “Mistério”, em sentido próprio, é derivado de *muein*, “fechar os olhos”, ou “fechar a boca”.

Tillich¹⁷ também afirma que aquilo que é essencialmente misterioso não pode perder seu caráter misterioso, mesmo quando é revelado. De outra forma, algo que só parecia misterioso poderia ser revelado, e não aquilo que é essencialmente misterioso. Mas não é uma contradição em termos falar de algo que permanece um mistério no próprio ato da revelação? A isto ele

¹⁶TILLICH, 1987, p. 96.

¹⁷TILLICH, 1987, p. 97.

responde, dizendo que é exatamente este aparente paradoxo que é afirmado pela religião e teologia. Onde quer que sejam mantidas as duas proposições: que Deus se revelou a si mesmo e que Deus é um mistério infinito para aqueles a quem ele se revelou, o paradoxo é afirmado implicitamente. Mas para ele, este não é um paradoxo real, pois, mesmo que a revelação inclua elementos cognitivos, ela não dissolve o mistério em conhecimento. Nem significa, tampouco, a manifestação de algo dentro do contexto da experiência ordinária que transcende o contexto ordinário da experiência. Algo mais é conhecido do mistério depois que ele se manifestou na revelação. Primeiramente, sua realidade se tornou uma questão de experiência. Ambos os aspectos são elementos cognitivos. Mas, como já foi dito, a revelação não dissolve o mistério em conhecimento, nem acrescenta algo diretamente à totalidade do conhecimento humano ordinário, isto é, ao conhecimento humano sobre a estrutura sujeito-objeto da realidade.

Tillich¹⁸ pressupõe que o genuíno mistério aparece quando a razão é conduzida para além de si mesma, a seu “fundamento e abismo”, a aquilo que “precede” a razão, ao fato de que “o ser é e o não-ser não é” (Parmênides¹⁹), ao fato original (*UrTatsache*), que há algo e não nada. Ele diz que se pode chamar a isso de “lado negativo” do mistério. Este lado do mistério está presente em todas as funções da razão; ele se torna manifesto tanto na razão subjetiva, quanto na razão objetiva. Também é apresentado o “estigma” da finitude, que aparece em todas as coisas e na totalidade da realidade e o “choque” que se apodera da mente quando se encontra com a ameaça do não-ser, revela o lado negativo do mistério, o elemento abismal no fundamento do ser. Para Tillich, este lado negativo está sempre potencialmente presente. Pode ser detectado nas experiências cognitivas, bem como comunitárias. É um elemento necessário na revelação. Sem ele, o mistério não seria mistério. Ele exemplifica dizendo que, sem o “eu estou perdido” de Isaías em sua visão vocacional, Deus não pode ser experimentado (Is 6.5).

Em contraponto, ele apresenta o lado positivo do mistério, afirmando que este inclui o lado negativo, e torna-se manifesto na revelação atual. Aqui o mistério aparece como fundamento e não como abismo. Aparece como poder de ser, conquistando o não ser. Aparece como preocupação última do homem.

¹⁸TILLICH, 1987, p. 98.

¹⁹Parmênides foi um filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi o fundador da escola *eleática*.

E se expressa em símbolos e mitos que apontam para a profundidade da razão e seu mistério.

Tillich²⁰ faz questão de colocar como elemento fundamental, a revelação como manifestação daquilo que diz respeito ao homem de forma última. O mistério revelado é de preocupação última para a humanidade, porque é fundamento de seu ser. Ele afirma que, na história da religião, eventos revelatórios sempre foram descritos como abaladores, transformadores, exigentes, significativos de forma última. Eles derivam de fontes divinas, do poder daquilo que é santo e que, portanto, têm uma reivindicação incondicional sobre o homem. Só o mistério que é de preocupação última para o homem aparece na revelação. Grande parte das ideias que se derivam de pretensas revelações a respeito de objetos e eventos dentro da estrutura sujeito-objeto da realidade, nem são mistérios genuínos, nem se baseiam em genuína revelação. Conhecimento sobre a natureza e a história, sobre indivíduos, seu futuro e seu passado, sobre coisas escondidas e acontecimentos, tudo isso não é questão de revelação, mas de observações, intuições e conclusões.

Para Tillich²¹, revelação, como revelação do mistério, é preocupação última do homem e é invariavelmente revelação para alguém numa situação concreta de preocupação. Para ele, isto está claramente indicado em todos os eventos que tradicionalmente foram caracterizados como revelatórios. Não há revelação “em geral” (*Offenbarung ueberhaupt*). Revelação abarca um indivíduo ou um grupo, geralmente um grupo através de um indivíduo; ela só tem poder revelador nesta correlação. Revelações recebidas fora da situação concreta podem ser apreendidas só como reportagens sobre revelações que outros grupos afirmam haver recebido. O conhecimento de tais relatos, e mesmo uma aguda compreensão dos mesmos, não os torna revelatórios para ninguém que não pertença ao grupo abarcado pela revelação. Não há revelação se não houver ninguém que a receba como sua preocupação última.

Tillich²² afirma que a revelação sempre é um evento subjetivo e objetivo em estrita interdependência. Alguém é abarcado pela manifestação do mistério; este é o lado subjetivo do evento. Algo ocorre através do qual o mistério da revelação abarca alguém; este é o lado objetivo. Para ele, esses dois lados não

²⁰TILLICH, 1987, p. 98.

²¹TILLICH, 1987, p. 99.

²²TILLICH, 1987, p. 99.

podem ser separados. Se nada acontece objetivamente, nada é revelado. Se ninguém recebe o que acontece subjetivamente, o evento deixa de revelar algo. A ocorrência objetiva e a recepção subjetiva pertencem ao evento total da revelação. Revelação não é real sem o lado receptivo, e não é real sem o lado doador. O mistério aparece objetivamente em termos do que foi chamado tradicionalmente de “milagre”. Aparece subjetivamente em termos do que foi às vezes chamado “êxtase”. Ambos os termos necessitam de uma reinterpretação radical.

Por isso, para Tillich²³, também é importante fazer a relação entre revelação e êxtase. Ele começa afirmando que “êxtase” (“estar fora de si mesmo”) aponta para um estado da mente que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação ordinária. Êxtase não é uma negação da razão; é o estado da mente no qual a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma. “Razão extática” permanece razão; ela não recebe nada irracional ou antirracional, o que não poderia fazer sem autodestruição, mas ela transcende a condição básica da racionalidade finita, a estrutura sujeito-objeto. Para Tillich, este é o estado que os místicos tentam alcançar por atividades ascéticas e místicas. Mas os místicos sabem que estas atividades só são preparações e que a experiência do êxtase é devida exclusivamente à manifestação do mistério em uma situação revelatória. O êxtase ocorre só se a mente é possuída pelo mistério, isto é, pelo fundamento do ser e sentido. E, vice-versa, não há revelação sem êxtase. No máximo, há informação que pode ser testada cientificamente. O “êxtase do profeta”, do qual a literatura profética está cheia, indica que a experiência do êxtase tem significado universal.

Tillich²⁴ também faz a relação entre revelação e milagre. Para ele, os sinais-eventos, nos quais o mistério do ser se dá a si mesmo, consistem em constelações especiais de elementos da realidade, em correlação com constelações especiais da mente. Um milagre genuíno é, antes de tudo, um evento que é assombroso, incomum, abalador, sem contradizer a estrutura racional da realidade. Em segundo lugar, é um evento que aponta para o mistério do ser, expressando sua relação com o homem de forma definida. Em terceiro lugar, é uma ocorrência recebida como um sinal evento em experiência

²³TILLICH, 1987, p. 99.

²⁴TILLICH, 1987, p. 103.

extática. Para ele, só se estas três condições forem satisfeitas pode-se falar em milagre genuíno. Aquilo que não abala alguém por seu caráter assombroso não tem poder revelatório. Aquilo que abala sem apontar para o mistério do ser não é milagre, mas magia. Aquilo que não é recebido em êxtase é um relato sobre a crença num milagre, não um milagre atual. Ele afirma que isto está enfatizado nos registros sinóticos dos milagres de Jesus. Milagres só são dados para aqueles a quem eles são sinais-eventos, para aqueles que o recebem em fé. Jesus se recusa a realizar milagres “objetivos”. Eles são uma contradição em termos. Esta correlação estreita torna possível intercambiar as palavras que descrevem milagres e as que descrevem êxtase. Pode-se dizer que êxtase é o milagre da mente e milagre é o êxtase da realidade.

O autor em questão²⁵, em sua obra sobre a revelação, também descreve quais seriam os meios pelos quais a revelação acontece. O primeiro deles é a natureza como meio da revelação. Para ele, não há realidade, coisa ou evento que não possa se tornar um portador do mistério do ser e entrar numa correlação revelatória. Nada está excluído da revelação, em princípio, porque nada está incluído nela à base de qualidades especiais. Nenhuma pessoa e nenhuma coisa é digna em si mesma de representar a preocupação última do homem. Por outro lado, toda pessoa e toda coisa participa no ser-em-si, isto é, o fundamento e sentido do ser. Sem essa participação, não teria poder de ser. Esta é a razão, para ele, pela qual quase todo tipo de realidade se tornou um meio de revelação em algum lugar. Outros meios que Tillich descreve são a história, grupos e indivíduos como meio de revelação. Na verdade, para ele, eventos históricos, grupos ou indivíduos em si não são meios de revelação. É a constelação revelatória dentro da qual eles entram, sob condições especiais, que os torna revelatórios, não seu significado histórico ou sua grandeza pessoal e social. Se a história aponta para além de si mesma em uma correlação de êxtase e sinal-evento, ocorre revelação. Se grupos de pessoas se tornam transparentes ao fundamento do ser e sentido, ocorre revelação. Mas sua ocorrência não pode ser prevista ou derivada de qualidades de pessoas, grupos e eventos. É questão de destino histórico, social e pessoal. Está sob a “criatividade diretiva” da vida divina. A última forma que ele descreve é a palavra como um meio de revelação. Ele explica que a estrutura racional do

²⁵TILLICH, 1987, p. 104.

homem não pode ser entendida sem a palavra, na qual a estrutura racional da realidade é compreendida. A revelação não pode ser entendida sem a palavra como meio de revelação. O conhecimento de Deus não pode ser descrito, exceto através de uma análise semântica da palavra simbólica. Os símbolos “Palavra de Deus” e “Logos” não podem ser entendidos, em seus vários sentidos, sem uma penetração na natureza geral da palavra. A mensagem bíblica não pode ser interpretada sem princípios semânticos e hermenêuticos. A pregação da igreja pressupõe uma compreensão das funções expressiva e denotativa da palavra, acrescentadas à sua função comunicativa.

Sobre a Dinâmica da revelação, Tillich²⁶ descreve a respeito de revelação Original e revelação Dependente, dizendo que a história da revelação indica que há uma diferença entre revelações originais e dependentes. Uma revelação original, segundo ele, é aquela que ocorre numa constelação que não existiu antes. O milagre e o êxtase estão unidos pela primeira vez. Ambos os aspectos são originais. Numa revelação dependente, o milagre e sua recepção original formam juntos o aspecto objetivo, aquilo que é dado. Ao passo que o aspecto receptivo muda, na medida em que indivíduos e grupos entram na mesma correlação. Ele explica isso exemplificando na afirmação de que Jesus é o Cristo, tanto porque poderia se tornar o Cristo, como porque foi recebido como sendo o Cristo. Sem ambos estes aspectos, não teria sido o Cristo. Verifica-se aqui, porém, que esta última afirmação apresentada por Tillich não é de fácil aceitação, uma vez que Jesus é o Cristo, independente de ser reconhecido como tal, unicamente pela vontade de Deus. Mas pode-se ver que o estudo dos pensamentos de Tillich é útil para a reflexão sobre muitas questões a respeito da revelação, uma vez que este autor escreveu muito sobre tal assunto, de maneira que aqui foi contemplada apenas uma parte de seus escritos.

5. ÊNFASE NA SOBERANIA E AÇÃO DE DEUS AO SE REVELAR – O PENSAMENTO DE ALISTER MCGRATH

McGrath é um estudioso bastante atuante no mundo teológico, sendo hoje professor de teologia histórica na universidade de Oxford. Ele tem lecionado nas áreas de teologia sistemática, ciência da religião, espiritualidade e apologética. Autor de inúmeros livros, o Dr. McGrath é considerado um

²⁶TILLICH, 1987, p. 111.

dos mais influentes pensadores cristãos da atualidade, sendo considerado também um referencial conservador. Ao começar sua dissertação a respeito do conceito de revelação, ele aponta que um tema central da teologia cristã, ao longo dos tempos, tem sido o fato de que as tentativas do ser humano, no sentido de compreender plenamente a natureza e os propósitos de Deus, serem fundamentalmente tentativas frustradas. Ele ressalta que, embora, geralmente, sustente-se a ideia de que seja possível um conhecimento natural de Deus (sendo as primeiras reflexões de Barth uma notável exceção a esse consenso), esse conhecimento é limitado tanto em termos de profundidade quanto de alcance. Fazendo uma citação de Jünger, McGrath informa que o conceito de revelação expressa um dogma universal da teologia cristã que propõe a necessidade de que nos “seja dito como é Deus”.²⁷

Em seguida, este autor²⁸ vem trazendo o fato de que a década de 1960 assistiu a uma grande revolução na área da teologia cristã, em que vários conceitos tradicionais foram desafiados e reformulados, inclusive o conceito de revelação. Para McGrath, neste contexto surgiram duas questões, cada uma das quais parecia lançar dúvidas sobre o conceito de revelação sustentado pela visão cristã tradicional.

A primeira destas questões foi trazida quando Downing propôs que o interesse moderno quanto à questão da revelação não se devia ao material bíblico em si, mas à relevância das questões epistemológicas para a filosofia moderna. A importância das questões relativas ao “conhecimento verdadeiro” na área da filosofia da ciência, por exemplo, havia sido indevidamente transferida para a área da teologia. Alegava-se que a Bíblia voltava-se para a questão da salvação, e não para a questão do conhecimento. O questionamento que dominava o Novo Testamento era: “O que devo fazer para ser salvo?”, e não: “O que devo saber para alcançar a salvação?”.

McGrath²⁹ apresenta a reação a esta questão, quando destaca o fato de que a concepção bíblica de salvação se exprime normalmente em termos de “conhecimento”, sendo a salvação humana considerada como algo que se fundamentava no conhecimento da possibilidade de salvação em Cristo, assim como a resposta apropriada a isto, fatores necessários à ocorrência da

²⁷ MCGRATH, 2005, p. 246.

²⁸ MCGRATH, 2005, p. 246.

²⁹ MCGRATH, 2005, p. 246.

salvação. Também se afirma que, em sentido bíblico, “o conhecimento de Deus” não significa simplesmente o fato de possuir “informações a respeito de Deus”, mas uma autorevelação de Deus, em Cristo Jesus, que é capaz de proporcionar vida e trazer salvação.

A segunda questão está relacionada ao fato de acadêmicos da Bíblia, como Barr³⁰, terem defendido que a questão da revelação parecia ter tido uma importância secundária em ambos os testamentos. Eles sugeriam que a linguagem da revelação não era sequer fundamental ou homogênea no contexto bíblico. Mas para McGrath, logo ficou evidente que sua análise se baseava em uma aceitação indiscriminada de conceitos de revelação elaborados sistematicamente, e não em uma análise do vocabulário encontrado nas Escrituras a respeito da revelação. Para este autor, é verdade que os conceitos medievais ou modernos de revelação não se encontram expressamente declarados, nem no Antigo nem no Novo Testamento. Contudo, isto de forma alguma indica que a linguagem da revelação esteja ausente do contexto das Escrituras ou, até mesmo, que ocupe uma posição secundária nelas.

McGrath³¹ afirma que o significado de revelação no Novo Testamento não sugere uma “manifestação de um Deus até o momento desconhecido”. Em sua acepção geral, o termo “revelação” significa “A possibilidade do conhecimento de algo em sua plenitude” ou “a manifestação total daquilo que fora até então obscuro ou incerto”. No entanto, para ele, falar da “revelação de Deus”, em um contexto teológico, não significa dizer que essa revelação de Deus seja plena, total.

Testificando isto, o autor³² traz exemplos, como os vários escritores pertencentes à tradição ortodoxa grega que enfatizam que a revelação divina não liquida o mistério de Deus. Ele dá o exemplo da doutrina da “reserva”, de Newman, também destacando esse ponto. Sobre isso, há sempre mais de Deus do que aquilo que somos capazes de saber. Também Lutero³³ sugere que a revelação de Deus é somente parcial, embora seja confiável e adequada, ainda que parcial. Para defender este ponto, Lutero elabora o conceito de uma “revelação secreta de Deus”, que é um dos aspectos mais relevantes de sua

³⁰ *Apud* MACGRATH, 2005, p. 246.

³¹ MCGRATH, 2005, p. 246.

³² MCGRATH, 2005, p. 246.

³³ *Apud* MACGRATH, 2005, p. 247.

“teologia da cruz”.

Para McGrath³⁴, existe consenso na teologia cristã, no sentido de que a natureza (ou a criação) dá testemunho de Deus, seu criador. Esse conhecimento natural de Deus deve ser completado pela revelação, que dá acesso a informações de outra forma inatingíveis. Para ele, contudo, o conceito de revelação vai além da ideia da transmissão de conhecimento sobre Deus, pois ele carrega em si a noção da auto revelação divina. Este autor então, brilhantemente, exemplifica que, ao falarmos a respeito de outras pessoas, podemos traçar uma diferença entre “saber algo a respeito de alguém” e “conhecer alguém”. A primeira ideia implica um conhecimento intelectual ou no acúmulo de informações sobre uma pessoa (como, por exemplo, sua altura, peso e assim por diante). A segunda ideia envolve a noção de um relacionamento pessoal.

Segundo McGrath³⁵, em sentido mais elaborado, o conceito de revelação não significa mera transmissão de um conjunto de conhecimentos, mas sim a manifestação pessoal de Deus na história. Deus tomou a iniciativa por intermédio de um processo de auto revelação, que atinge seu ápice e plenitude na história de Jesus de Nazaré.

McGrath³⁶ apresenta quatro formas principais de como a revelação especial foi entendida, as quais não são mutuamente excludentes. A primeira delas é a da Doutrina como revelação. Essa tem sido a abordagem característica das correntes católicas neoescolásticas e evangélicas conservadoras, as quais continuam a exercer grande influência na tradição cristã por intermédio de suas formas modificadas ou ampliadas. Ao passo que os evangélicos enfatizam o papel das Escrituras na mediação da revelação, os católicos neoescolásticos têm também atribuído importância ao papel da tradição, em particular à função de ensino da igreja (*o magisterium*). Os termos “o reservatório de revelação” ou “o repositório da verdade” são geralmente empregados neste contexto, com o significado de repertório dos conhecimentos acumulados pela igreja ao longo dos anos. De acordo com essa abordagem, deve-se considerar a revelação primordialmente (embora não exclusivamente) sob a forma proposicional.

³⁴ MACGRATH, 2005, p. 247.

³⁵ MACGRATH, 2005, p. 247.

³⁶ MACGRATH, 2005, p. 247.

A segunda delas é a da Presença como revelação. Esse modelo sobre a revelação está relacionado especialmente a escritores da escola dialética de teologia, influenciada pelo personalismo dialógico de Buber. Talvez a declaração mais importante dessa perspectiva se encontre no livro de Brunner, *Truth as encounter* (Verdade como encontro), que estabelece a noção de revelação como comunicação pessoal de Deus. Isto é, uma revelação da presença pessoal de Deus no interior daquele que crê. “O senhorio e o amor de Deus não podem ser comunicados de outra forma que não seja por intermédio da auto-revelação de Deus”. A tese de Brunner defende que Deus, no processo de revelação, não transmite informações apenas. A revelação envolve a manifestação da presença pessoal de Deus e não meras informações ao seu respeito. Brunner, baseando-se na análise de Martin Buber sobre as formas de relação “Eu-tu” e “Eu-isso”, insiste na existência de um elemento fortemente relacional na revelação. Deus dá-se a conhecer como “Tu” e não como “Ele”. A revelação é teleológica, um processo voltado para um fim, e essa finalidade representa o surgimento de uma mútua relação entre o Deus que se revela e a humanidade que reage a essa revelação.

A terceira forma apresentada por McGrath é a da Experiência como revelação. Este modelo tem grande influência e concentra-se em torno da experiência humana. De acordo com essa perspectiva, entende-se que Deus se revela ou se dá a conhecer por intermédio da experiência pessoal. Esta é considerada por muitos como a abordagem ligada ao protestantismo liberal alemão do século XIX, especialmente com Schleiermacher e Ristschl.

A quarta e última forma é a da História como revelação. Esta é uma abordagem totalmente distinta, particularmente associada ao teólogo alemão Pannenberg. Ela concentra-se no tema da “revelação como história”. De acordo com ele, a teologia cristã baseia-se na análise da história universal e conhecida, e não na subjetiva interna da existência humana pessoal ou em uma interpretação particular dessa história. A história é em si mesma a revelação (ou pelo menos tem a capacidade de vir a sê-lo). Para Pannenberg, a revelação é essencialmente um evento histórico notório e universal, reconhecido e interpretado como “ato de Deus”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se fazer uma comparação entre Tillich e McGrath, percebemos que a

revelação especial pode ser entendida a partir de duas maneiras principais. A primeira diz respeito a uma revelação que depende tanto do agir de Deus, como no indivíduo e suas necessidades, situações, estado em que se encontra, em seu contexto e vontade. A segunda diz respeito a uma revelação que depende muito mais da vontade e do agir de Deus, independentemente de qualquer característica e situação de um indivíduo. Seguindo a linha da teologia nascida da Reforma Protestante, defendemos a percepção que coloca a ênfase na soberania e no agir de Deus ao se revelar, mas reconhecemos a existência e da relevância da outra forma defendida. Também podemos notar um ponto em comum entre esses dois autores, que parece ser um ponto em comum com a maioria dos autores. É o fato de que ao acontecer o evento da revelação, o mistério não é encerrado ou esgotado. Mesmo quando Deus se revela, existe muito mais de Deus que é desconhecido pela humanidade. Existe sempre mais de Deus a se conhecer.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2003.

GEISLER, Norman L.; FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia:** uma perspectiva cristã. São Paulo: Vida Nova, 1996.

HORTON, Michael. **A face de Deus:** os perigos e as delícias da intimidade espiritual. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica:** uma introdução a teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. Revelação. *In:* BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia.** São Paulo: ASTE, 2008.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

